

A aesthesis afrodiáspórica na poética de Leodegária de Jesus The aphrodisporic aesthesis in Leodegária de Jesus poetic

Tânia Ferreira Rezende¹

RESUMO: Este artigo aborda a poética de Leodegária de Jesus da perspectiva da aesthesis afrodiáspórica, uma forma de enfrentamento à estética moderna herdada ao colonialismo e sustentada pela colonialidade. O objetivo da discussão proposta é evidenciar como as andanças e os desassossegos de Leodegária de Jesus, devido aos deslocamentos a que ela foi forçada, impactaram sua vida e se manifestam em sua obra. Os procedimentos e os fundamentos de interpretação das obras da autora seguem as orientações da Estética Decolonial (GOMEZ; MIGNOLO, 2012; REZENDE, 2019). O resultado aponta para uma expressão poética singular do Romantismo, em forma de versos-banzo, isto é, a poetização do banzo. Essa forma poética, diferente do sentimentalismo romântico brasileiro do século XIX, distancia a autora dos poetas e autores e a aproxima das poetisas e autoras negras do Romantismo. Isso é o que entendo por aesthesis afrodiáspórica.

PALAVRAS-CHAVE: Leodegária de Jesus; Literatura feminina negra; Aesthesis afrodiáspórica; Poesia afrodiáspórica; Verso-banzo.

ABSTRACT: First of all this article approaches Leodegária de Jesus' poetic from the perspective of aphrodisporic aesthesis, a way of confronting the modern aesthetic inherited from colonialism and sustained by coloniality. For this reason the purpose of the proposed discussion is to show how the wanderings and unrest of Leodegária de Jesus, due to the displacements that she was forced to, impacted her life and manifested in her work. By the way, the procedures for interpreting of the author's works follow the guidelines of the Decolonial Esthetic Paradigm (GOMEZ;

¹ Licenciatura em Letras: Português e Inglês pelo Centro Universitário UniEvangélica, Mestrado em Letras e Linguística, área de Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Goiás, e Doutorado em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Goiás, atua na graduação e na pós-graduação, com ensino, pesquisa e extensão, na linha de pesquisa Linguagem, Sociedade e Cultura, na área de Linguagem, com ênfase em Sociolinguística, especificamente na Cosmolinguística, priorizando temáticas relacionadas ao Letramento Intercultural, com enfoque em língua portuguesa (língua materna, língua não materna e acolhimento para pessoas em situação de itinerância), Políticas Linguísticas (diversidade e contato linguístico, cultural e epistêmico), Tradução Transcultural, situada na intersecção Gênero, Identidade Étnico-racial, Cultura, Linguagem e Educação Linguística de Grupos Subalternizados.

MIGNOLO, 2012; REZENDE, 2019). The result points to a singular poetic expression of Romanticism, in the form of banzo verses, that is, the poetization of banzo. Therefore, her poetic form, different from the Brazilian romantic sentimentality of the 19th century, distances the woman author from the poets and from authors men and brings her closer to the black poets and authors (women) of Romanticism. So this is that I understand by aphrodisiaphoric aesthesis.

KEYWORDS: Leodegária de Jesus; Black female literature; Aphrodisiaphoric aesthesis; Aphrodisiaphoric poetry; Banzo-verse.

INTRODUÇÃO

Ela foi digna das melhores de nós. Teremos sido dignas dela?

Profª Darcy Denófrío

A cena de abertura do filme **Their eyes were watching God (Aos olhos de Deus)**² mostra os pés descalços de **Janie** (Halle Berry), a protagonista, de costas, caminhando, pesadamente, sobre o chão molhado. Quando ela se vira e ergue a cabeça, seu estado é de exaustão. Ela parece sustentar o peso do mundo na alma envolta por aquele corpo de mulher negra, castigado também pela idade.

A ambientação do filme é na Flórida-USA, nos anos 1920. A vida da personagem **Janie** é a síntese das opressões sistêmicas enfrentadas pelas mulheres subalternizadas pelo patriarcalismo escravocrata moderno/colonial, como as negras e as ameríndias marcadas pela ferida colonial (KILOMBA, 2019).

Assistindo a esse filme, caminhei com **Janie**, em epifanias, por minha trajetória. Minha existência foi forjada pelos letramentos da vida cotidiana (leituras indiciais das relações na família, na escola, na igreja), pelas leituras literárias e pela televisão. Em minhas andanças com **Janie**, me lembrei de algumas questões que sempre me intrigaram. Uma delas, que ainda me incomoda, está comprimida na expressão “pessoa de cor”. Ora, pensava eu, nos distantes 1980, as pessoas brancas, então, não têm cor? Na historiografia, na literatura e na televisão, a cor somente era mencionada quando se tratava de pessoas não brancas. Logo, o silenciamento em relação à cor poderia ser um índice da brancura, ou seria de não cor?³

¹ Filme de 2004, de Darnell Martin, inspirado no livro de mesmo nome de Zora Neale Hurston, protagonizado por Halle Berry.

³ Felas leis da física, branco, de fato, não é cor. Ora, nem o preto. Uma cor, na física, só surge quando a luz é refletida, e o preto, sabemos, não reflete luz. Ao contrário, o preto absorve a luz. Por isso, é ausência de cor. O branco, por sua vez, é a soma de todas as cores. Nem um nem outro é cor. Aprendi isso com meu professor de Física do ensino médio, um homem negro. Nunca me esqueci. Apesar de tudo, definitivamente, branco não é incolor. Se preto pode ser cor, branco também, nos mesmos termos, pode ser.

Em nome da civilização, a civilidade e a legalidade foram suspensas; em nome de Deus, a divindade foi anulada e a sentença imperativa “não matarás” foi complementada por uma oração adjetiva restritiva, ainda que não explícita, construindo, portanto, o efeito de sentido de distinção, de que não se deve matar a pessoa autoproclamada “incolor”, por ser “superior”: o europeu cristão, masculino branco senhorial, fundamento estruturante da sociedade, das relações sociais e da estrutura de poder.

Com o colonialismo, os índices (identidades, critérios de identificação e de indicialização) de raça, cor, etnia, gênero, sexualidade, classe e territorialidade passaram a ser critérios de classificação e distinção social (para a exclusão), substituindo a pureza de sangue. Assim, os grupos subjugados podem ser violentados e mortos. Essa é a política de morte, nos termos de Mbembe, em *Necropolítica* (2018).

Goiás se formou, no século XVIII, com as entradas e as bandeiras, sob a mesma racionalidade colonial, ou seja, sob o signo da violência contra os povos subjugados: a preação de índios para os mercados em São Paulo, de onde eram encaminhados para as lavouras do nordeste; e a exploração predatória das minas de ouro e de outros metais e pedras preciosos, através da exploração violenta de corpos e almas das pessoas subjugadas e escravizadas⁴.

As pessoas negras, em princípio, adentraram o estado, escravizadas, para o trabalho na preação dos ameríndios e exploração das minas. Mais tarde, com o refluxo da mineração, se integraram ao trabalho nas lavouras. Há registros de negros(as) escravizados(as) em fuga de outras regiões, se abrigando nas matas do Brasil Central, onde era mais difícil a captura (PALACÍN, 1994; LOIOLA, 2009).

Atualmente, Goiás é um estado marcado pela violência, em geral, mas de forma mais acentuada contra pessoas negras (pretas e pardas), ameríndias, mulheres e LGBTQIA+. A sociedade goiana

⁴ No início de sua exploração pelos colonizadores, o território dos Goyazes era habitado por cerca de 35 diferentes povos originários, pelo que se sabe até então, pertencentes aos troncos Tupi e Macro-Jê (REZENDE, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/DAJR-88QG9G>>). Durante os séculos de confronto colonial, a grande maioria desses povos migrou, se integrou à sociedade ou foi sumariamente dizimada pelas ações de violência dos bandeirantes. A violência colonial, portanto, se deu também contra os corpos e as almas dos povos ameríndios.

mantém a intolerância histórica com relação aos corpos subalternizados, contra os quais se sente autorizada a desferir todo tipo de violência, desde a exclusão, por apagamento e ostracismo, como forma de denegação, até a morte física, explicitação máxima da rejeição e da intolerância.

Conforme apontado em trabalho anterior (REZENDE, 2019), algumas razões me motivam a estudar a vida e a obra de Leodegária de Jesus: uma, de natureza ontológica e social, trata-se de, ao falar da autora, visibilizá-la como mulher negra; outra, de natureza epistêmica, tem a ver com a urgência de visibilizar sua existência como intelectual (professora e escritora) negra.

Esta discussão, portanto, é uma forma de enfrentamento ontoepistêmico ao racismo por denegação, que atua pelo apagamento e pelo ostracismo; e à estética convencional – moderna, racional, hegemônica –, de Baumgarten a Kant, e também a estética pós-moderna, de Rancière, e a alter-moderna, de Bourriaud (GOMEZ; MIGNOLO, 2012), ao darmos vazão à *aesthesis* – sensação –, mas não só as do mundo ocidental, moderno/colonial. Trata-se de deixar fluir as sensações, os sentimentos e as emoções, dos corpos subalternizados sem os enformar nos frames do belo colonial. É importante, assim, aceitarmos que o ontoepistemológico e o social estão interseccionados (AKOTIRENE, 2018), porque gênero, raça, cor, conhecimento e percepção social sobre a mulher intelectual em Goiás do início do século XX, quando essa mulher é negra, interseccionam opressões específicas à mulher negra do “sertão dos confins do Brasil”. Essas opressões, por um lado, mantêm a mulher negra na subalternidade – na inferioridade, na solidão e no empobrecimento (KILOMBA, 2019) – e, por outro lado, sustentam o status quo e mantêm a estabilidade do poder constituído (ICAZA, 2017).

Outra motivação é responder ao chamado da Professora Darcy França Denófrío, aposentada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atuo como professora, e que entra como epígrafe neste artigo. Escutei seu chamado e assumi a responsabilidade de falar sobre Leodegária de Jesus, com urgência política e epistêmica: a urgência de mulher, professora, negra-parda, que, desse lugar, que não me permite ser uma “das melhores de nós”, na percepção da Profª Denófrío, procura entender as razões da indiferença (apagamento, ostracismo) em relação à primeira mulher a publicar um livro de poesias em Goiás.

De maneira específica, este artigo trata das andanças e desassossegos, devido aos deslocamentos, isto é, às diásporas pós-modernas no contexto do cerrado central do Brasil, aos quais Leodegária de Jesus foi submetida na vida. Emprego o termo deslocamento por não tratar teoricamente da 'diáspora' e não para revisar o conceito ou para propor outra nomenclatura. Os deslocamentos, através de andanças e de desassossegos marcam a trajetória de vida da poetisa⁵ e são expressos nos seus poemas em forma de versos-banzo.

1. Andanças e desassossegos: deslocamentos do corpo

Leodegária Brazília de Jesus nasceu em Caldas Novas, no dia 8 de agosto de 1889, três meses antes da Proclamação da República e um ano e três meses depois da abolição da escravatura. Nasceu mulher, negra, quase republicana e livre, com relação ao seu estatuto civil, mas não com relação à sua condição social, à raça e ao gênero. Assim, onde pisaram seus pés? Até onde puderam ir na vida os passos dessa mulher-poetisa-negra? Poderemos ver que foram andanças e desassossegos, por deslocamentos de lugares e, principalmente, da vida.

A noção de deslocamento, nesta discussão, é a de tirar (d) o lugar, alheia à vontade da pessoa, provocando-lhe dor, sofrimento, revolta, indignação, ou resignação. Tirar alguém do lugar, contra ou independente de sua vontade, equivale a deslocar seu corpo na vida, em sua historicidade, porque desestabiliza suas afetividades. Trata-se, portanto, para além do físico e do geográfico, de deslocar, tirar (d) o lugar cultural, psicológico e econômico (ASANTE, 2009, p. 96).

Considerando os sequestros das pessoas no continente africano, a travessia atlântica e a trajetória histórica das pessoas negras nas colônias escravizadas e escravagistas, o deslocamento, assim

⁵ Concordo com a afirmação da professora Darcy Denófrío (2019, p. 19): "Queremos advertir que, ao chamá-la poetisa, não estamos minimizando seu trabalho. Apenas entendemos que nós, mulheres que produzimos poesia, não precisamos assumir a forma atribuída ao gênero masculino – poeta – para sugerir a excelência de nosso trabalho". Já sabemos que 'poetisa' não é o feminino de poeta. Sabemos o suficiente para entendermos que 'poeta' também é um falso genérico que serve, não só para validar, mas para encobrir o gênero de quem escreve. Além do mais, falando como mulher negra militante: não precisamos da validação masculina nem da validação do feminismo branco, "aparelhado" pelo poder político masculino, seja ele negro ou branco; tão pouco precisamos, no século XXI, do feminismo de "bem estar social" (MIES, 2018). Somos POETISAS.

como a diáspora, leva(va) a perdas, dores e sofrimentos; indignação, revolta e, ao mesmo tempo e, por isso, ao impulso para lutar; leva(va) ao banzo – saudade, tristeza e melancolia, que se converte em revolta e, também, e, por isso, à força para lutar. A pessoa em deslocamento e banzo é uma pessoa forte, resistente, capaz de suportar as andanças e superar os desassossegos. Assim foi Leodegária de Jesus.

Os pais de Leodegária, dona Ana Isolina Furtado Lima de Jesus e José Antônio de Jesus, se casaram em Jaraguá, cidade de sua mãe, e partiram para **Caldas Novas**, onde Leodegária nasceu. Quando ela tinha dois anos de idade, mudaram-se para **Jataí**. Aos seus sete anos de idade, a família, novamente, se mudou, dessa vez, para **Rio Verde**. A mudança de Jataí para Rio Verde deixou dores na menina Passarinho (FRANÇA, 1998), dores de perda, porque ela já tinha apego ao lugar e aos colegas da escola, sentimentos que ela expressa em versos:

Jatahy

E choro, sim, e suspiro
Por esses campos que amo.

Não vês aquela campina,
De flores mil adornada,
Tanta palmeira plantada,
Tanta açucena e bonita?
Ao longe, brancas casinhas,
Não vês o lindo horizonte,
O murmurinho da fonte,
E o canto das avezinhas?

Essa campina alacr'ante
É meu berço idolatrado,
É Jatahy adorado,
Essa terra deslumbrante.

Foi nessa terra querida,
Nessa campina formosa,
Que s'escoou descuidosa,
A infância minha florida

Nas tardes bellas de Abril,
Eu deslumbrada, dizia:
Quanta belleza e magia,
Neste canto do Brasil!

O poema "Jatahy" foi publicado em **Corôa de Lyrios**, de 1906, quando a autora tinha 17 anos. Como a própria autora declara em sua nota "Aos Patrícios", o livro foi feito quando ela tinha 15 anos. Para a crítica, em **Corôa de lyrios**, "sobra sentimentalismo" e falta "forma" (DENÓFRIO, 2019). Entretanto, o que temos é uma obra poética criada por uma adolescente negra, na primeira década do século XX, menos de duas décadas depois da abolição da escravatura, e avaliada por homens brancos, muito mais velhos. Nessas condições, os versos criados pela menina-escritora é uma resposta-resistência à vida; em seus versos, a autora expressa seu amor ao lugar perdido por seu primeiro deslocamento: é o banzo poetizado, são versos-banzo. É uma forma de resistir para existir.

Em 1898, quando ela contava 9 anos de idade, o pai elegeu-se deputado estadual e, por isso, a família se transferiu para a capital **Vila Boa de Goiás**. A dor de se mudar de Jatahy não deu a ela apego a Rio Verde e, somada à vitória do pai no pleito eleitoral, ela não sentiu tanto a mudança para Goiás. Na capital, sua instrução, já solidamente iniciada na família, aprofundou-se no Colégio Sant'Ana e com professores particulares, e na cultura erudita, com a intensa vida social que passou a viver. Leodegária, com sua amiga Anica (Ana Lins dos Guimarães Peixoto), e outras amigas, movimentaram a vida vilaboense, organizando saraus, fundando e conduzindo jornais, além de outros empreendimentos.

Por ser estudante exemplar e pela educação escolar que recebeu, Leodegária se apropriou dos modelos de escrita herdados como cultos e belos e os reproduziu, até inconscientemente, porém, à sua maneira peculiar. Ao escrever, Leodegária não objetivava deleitar nem a crítica nem

os ouvidos palacianos da capital. Sua criação era o “partejamento de suas vivências”, eram “seus sentimentos, suas dores, suas alegrias, seus gritos e sussurros”. Eram as “escrevivências”⁶ de suas andanças.

Defende Conceição Evaristo (2017) que para as feministas brancas, escrever é um ato político, mas “para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político”. Portanto, para Leodegária de Jesus, uma jovem negra, de 17 anos de idade, publicar um livro, em Goiás, em 1906, foi um grande ato político para a sua geração e para as próximas, até os anos 1950. E tem sido um grande ato político para as mulheres negras de Goiás até hoje.

Ocorre que o professor Antônio de Jesus adoeceu e, mais uma vez, Leodegária é deslocada de seu mundo e de sua vida. Por sugestão e com o apoio de um amigo, em 1910, mudaram-se de Goiás para **Catalão**, depois, de lá, para Minas Gerais: **Araguari**, **Uberabinha** (Uberlândia) e para **Rio Claro**, em São Paulo, voltando, por fim, para **Belo Horizonte**, em Minas. As lembranças de casa, em Vila Boa, são poetizadas em versos-banzos a Goiás (DENÓFRIO, 2019, pp. 18-20):

Goyaz

Patria, tudo me falece
Para erguer teu esplendor.
A. Lessa

Goyaz querida! perola mimosa
Destes sertões soberbos do Brasil!
Terra que amo, que minh'alma adora,
Ao ver-te longe, tão distante, agora,
Quero-te mais ainda,
Minha terra gentil!

E vivo a recordar as joias ricas
Que te enfeitam o collo primoroso;
A serra azul, os rios, as palmeiras
De cujas frondes virides, faceiras,

⁶ Conceição Evaristo (2005) define “escrevivência” como “a escrita que nasce do cotidiano, de suas lembranças, de sua própria experiência de vida e do seu povo”. São os “os sentimentos, as dores, as alegrias, os gritos e os sussurros”, individuais ou coletivos.

Saúda o por do sol
O sabiá queixoso.

Ah! como é bello nas manhans rosadas,
Cheias de luz, de aromas, de harmonias,
Correr teus vales aromatizados,
Ver deslizar teus rios sossegados,
Aos beijos perfumosos
Das auras fugidias.

Em noites consteladas, quando a flauta
E os bandolins desatam pelo espaço,
Essas notas refeitas de pesares,
Ao pallor ideal de teus luars,
Como é grato sonhar
Em teu morno regaço.

E como é doce à sombra dessas mattas,
Onde tecem rolinhas ninhos frouxos,
Acalentar um sonho estremecido,
Ouvir do arroio o marulhar sentido,
À luz aveludada
Desses teus poentes roxos.

Terra garbosa e linda, que saudades
Dessas montanhas verdes, scismativas
Que meu olhar dorido idolatrava!
Onde, com tanto affecto repousava,
Em tardes fumarentas
Ou nas manhans estivas.

Ó Patria minha estremecida e bela,

Não mais verei o teu azul risonho,
Mas, onde quer que me conduza o fado
Jamais te esquecerei, berço adorado,
De minha dor primeira!
Do primeiro sonho!

Aqui, onde exilou-me a desventura
E a mocidade minha saturada
De amargores fallece, tristemente,
Vivo a sonhar contigo, eternamente,
Ó terra de minh'alma!
Ó pátria idolatrada!

O poema Goyaz foi publicado em **Orchideas**, de 1928, a segunda publicação da autora, quando ela contava 39 anos de idade, muito mais vividos do que podem expressar suas quase quatro décadas de vida. Esse poema encontra-se na primeira parte da obra, intitulada “Folhas mortas”, canta as belezas de Goiás, o lugar perdido, mas, diferentemente de Jatahy, tem um tom de saudade e de lamento, na última estrofe. Não se trata de “sentimentalismo”, mas também de banzo poetizado em versos, porque expressa a dor da autora de ter sido deslocada de sua terra, de onde ela não escolheu partir. É a “escrevivência”, partejada em versos, já discutido nos parágrafos precedentes e em Rezende (2019).

2. Andanças e desassossegos: deslocamentos da/na vida

Leodegária de Jesus, em torno dos 14 anos de idade, viveu seu primeiro e único amor. Não pode, porém, como as moças da sociedade vilaboense de sua época, consolidar esse amor em um casamento, constituindo sua própria família. Esse direito lhe foi negado, causando-lhe profunda dor e sofrimento, sentimentos expressos em versos-banzo de muitos dos poemas que compõem **Corôa de Lyrios**, sua primeira publicação.

Diferentemente do sentimentalismo romântico pelo amor impossível, os versos-banzo de Leodegária, em sonetos decassílabos, quartetos, sextetos ou oitavas em redondilhas, expressam os deslocamentos da autora na vida, as andanças e desassossegos de sua alma sem direito ao amor, ao casamento e à família. Esses sentimentos serão conteúdos também dos versos de **Orchideas**. Nessa obra, a autora fala de seu isolamento e da solidão que sente. Trataremos dessas temáticas na próxima seção.

Leodegária de Jesus foi a primeira mulher a publicar livro de poemas em Goiás e poderia ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia de Direito de Goiás e a primeira advogada formada por Goiás. Somente não o foi, porque não teve permissão para ingressar no Lyceu e cursar os preparatórios, direitos garantidos a suas colegas do Colégio Sant'Ana. A historiografia oficial alega que ela foi vítima das perseguições políticas a seu pai, opositor ao governo da época. Mas, outras filhas de opositores políticos estudaram no Lyceu, nessa época. Esse foi outro deslocamento na vida de Leodegária, que causou dor e sofrimento a ela e a toda a sua família.

Ao publicar o livro **Corôa de Lyrios**, em 1906, aos 17 anos de idade, Leodegária de Jesus foi a primeira mulher a publicar um livro de poemas em Goiás; considerando sua segunda publicação, *Orchidea*, em 1928, aos 39 anos de idade, foi também a segunda mulher goiana a publicar livro de poemas. A terceira foi Regina Lacerda, com **Pitanga**, em 1954; depois, temos Yêda Schmaltz, **Caminhos de mim**, em 1964; e, então, Cora Coralina, agora com livro, **Poemas dos becos de Goiás** e histórias mais, em 1965. Leodegária e as mulheres suas contemporâneas permaneceram na liderança isolada por muito tempo.⁷

Ela soube exercer sua própria vontade (DENÓFRIO, 2019), negociou sua vida e sua circulação pelos espaços de prestígio social da capital do estado. Iniciou como professora, ofício de pai e mãe, como poetisa, com poesias versadas em cantos de passarinho preso em gaiola, e seguiu. Foi fundadora e redatora do Semanário **A Rosa**, em 1907, juntamente com as "Senhoritas" da sociedade⁸.

⁷ Se não fosse por ela, afirma a professora Darcy Denófrío, teríamos ficado no mais completo silêncio por quase meio século e, para não ficarmos no completo vazio, teríamos que fincar nossa história no livro de poemas publicado em 1875, no Rio de Janeiro, por Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, "acidentalmente nascida na Província de Goiás" (DENÓFRIO, 2019, p. 16).

⁸ As senhoritas do Semanário A Rosa: Cora Coralina, Rosa Santarém Godinho e Alice Santana; depois vieram se juntar a elas: Maria Henriqueta Péclat, jornalista e cantora; Argentina Remígio Monteiro, intelectual; Genezy de Castro e Silva, vice-diretora e redatora do jornal O Lar, criado em 1920; Augusta de Faro Fleury Curado, escritora; Mariana Augusta Fleury Curado, a Nita, primeira colunista social de Goiânia.

Num tempo em que era difícil estudar, ela estudou, foi uma intelectual engajada da cultura local. Darcy Denófrio, na apresentação à 2ª edição de **Orchideas** (2014), resume o legado de Leodegária de Jesus:

Mulher admirável, foi ela pioneira em mais de um sentido: estudou até latim, numa época em que as mulheres brasileiras morriam analfabetas; foi chefe de família, quando a mulher não cumpria essa função; foi escritora, quando a mulher não escrevia; escreveu livro entre os 14 e 15 anos, época em que a mulher aprendia tão somente os ofícios domésticos em prisão domiciliar; publicou-o mal entrando em seus 17 anos, quando os poetas, seus pares, tinham idade para ser seus pais ou até mesmo seus avós, e numa década pródiga em livros, rica para a literatura goiana, quando foi dela a única voz que salvou a mulher do total silêncio nas Letras, perdurando o seu solo por quase meio século. (DENÓFRIO, apud DE JESUS, 2014, pp. XI-XII)

A lente pela qual Denófrio enxerga Leodegária de Jesus é a da realidade da mulher branca de classe média. Essa leitura nos permite entrever o mundo de contradições no qual Leodegária viveu e inferir o quanto ela teve de ser forte para ser a protagonista que foi. A grande maioria das mulheres brasileiras que “morriam analfabetas” era “de cor” e da classe subalternizada. Se Leodegária “aprendeu até Latim”, foi porque seu pai era professor de Latim, instrução recebida no seminário, onde foi criado.

Ela “foi chefe de família, quando a mulher não cumpria essa função”. Sabemos que essa função era e é cumprida pelas mulheres empobrecidas, sobretudo pelas negras. Tendo pai professor e mãe professora, Leodegária aprendeu a escrever dentro de casa, “quase sozinha, perguntando o nome das letras à mãe”, informa a própria Darcy Denófrio (2019, p. 22). Por isso, ela “foi escritora, quando a mulher não escrevia; escreveu livro entre os 14 e 15 anos, época em que a mulher aprendia tão somente os ofícios domésticos em prisão domiciliar”. Outra correção necessária. As mulheres “de cor” nunca ficaram em “prisão domiciliar”, sempre tiveram de sair de casa para “ganhar o sustento”. Para tanto, precisaram aprender muito mais que os “ofícios domésticos”.

Para Leodegária de Jesus, considerando-se o contexto e as condições de sua existência, escrever, tornar-se escritora e publicar livros, além de ter sido um importante ato político, já mencionado, historicamente, foi equivalente ao trabalho a mais das negras escravizadas. Estas trabalhavam aos domingos, feriados e dias santos, para ganhar a mais e para si, porque essa era a única maneira de conseguir comprar a alforria. Era o sacrifício do corpo, o nunca descansar, para alcançar a liberdade. Que liberdade almejava a menina-poetisa-Passarinho? Sair da gaiola? Pôr fim às suas andanças e desassossegos? Viver a vida que/como queria? O que representou para ela “escrever” e “publicar”?

Devido ao prestígio e às boas relações de seu pai, somado aos seus esforços, Leodegária publicou seu primeiro livro “mal entrando em seus 17 anos, quando os poetas, seus pares, tinham idade para ser seus pais ou até mesmo seus avós, e numa década pródiga em livros, rica para a literatura goiana”. Assim, graças aos seus esforços e de seu pai, ela nos “salvou [...] do total silêncio nas Letras, perdurando o seu solo por quase meio século”. Apesar disso, seu nome e sua obra foram, por décadas, relegados ao ostracismo, isto é, relegados à ou postos na “zona do não ser” (FANON, 2008), da não existência.

3.A semiótica do corpo na leitura da obra

Felício Buarque, prefaciador de *Corôa de Lyrios*, afirma que esse trabalho “revela uma vocação poética através de cada uma de suas produções”, embora sem “o apuro da forma”. Segundo o prefaciador, os “defeitos naturais” da autora se devem a sua pouca idade e por ela se encontrar “em um meio pouco favorável ao desenvolvimento da arte ou das letras”, e aconselha-a a procurar se “aperfeiçoar, estudando e corrigindo seus defeitos naturais, nas obras dos mestres”.

O sem o “apuro da forma” (De qual forma? Da parnasiana?) é a justificativa racional para a desqualificação da obra, pois o avaliador fala do centro, em 1906, quando a forma não era uma obrigatoriedade. A “pouca idade” da autora, em 1906, considerando-se Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Hugo de Carvalho Ramos... não estava fora do padrão etário, ou será que para mulheres a regra era diferente? Ou será que para Goiás a regra era outra? Ela precisava se “aperfeiçoar, estudando e corrigindo seus defeitos naturais, nas obras dos mestres”, quais mestres? Se ela reproduzia o Romantismo, e o “Romantismo atinge seu apogeu em Goiás por volta de 1900” (DENÓFRIO, 2019, p. 26), ela estava de acordo com as obras dos mestres. E finaliza,

sentenciando: “Seja, porém, como fôr, não há dúvida que a **Corôa de Lyrios** encerra um trabalho muito digno de animação”. Bastava apenas, concluo, que a autora transformasse seus poemas no modelo masculino branco dos velhos mestres dos centros de poder: deslocamento de gênero, idade, raça/cor, estética/epistemologia e território.⁹

De acordo com Lélia Gonzalez (1988, p. 69), o racismo é o sintoma por excelência da neurose cultural brasileira. O racismo à brasileira, assim, segundo seu raciocínio, pode ser entendido com base na categoria freudiana da denegação, que é “o processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcados, continua a defender-se deles, negando que lhe pertença”.

A leitura do corpo de Leodegária de Jesus pela sociedade de sua época e o tratamento que lhe deram em função dessa leitura podem ser interpretados com base na denegação, de Freud. Equivale a dizer que o racismo à brasileira pode ser um dos fundamentos da crítica à obra de Leodegária, recalcado na estética literária moderno/colonial, que serviu somente de justificativa racional para a crítica e, principalmente, para a indiferença (ostracismo e apagamento) em relação à autora e sua obra em Goiás por tanto tempo.

A sociedade vilaboense foi formada e se manteve como uma sociedade conservadora, elitista, patriarcal e escravagista. Encontra-se farta documentação na historiografia sobre Goiás (PALACÍN, 1994; LOIOLA, 2009) e em testemunhos orais locais contemporâneos (MILANI ET AL., 2015) para evidenciar essa asserção. É emblemática a perseguição dos notáveis de Vila Boa ao Governador Dom João Manoel de Menezes, empossado em 1800, devido ao seu caráter de fazer justiça às “pessoas de cor”. Este Governador chegou ao ponto de autorizar a posse como vereador a João Cunha, homem branco, mas que, por ser casado com uma mulata, estava sendo impedido de ocupar o cargo público de vereador. Essa foi uma grave afronta aos Oficiais da Câmara, agravando muito a situação do Governador, levando a sua cassação.

As irmandades de Goiás, as de Vila Boa, de Meya Ponte, Cocal, Pilar, refletiam a estratificação social da capitania, por um lado, o estigma às “pessoas de cor” e, por outro lado, a resistência dessas pessoas. Havia irmandades de pessoas brancas, portanto, livres (Santas Almas), e havia

⁹ Lellis Vieira, o prefaciador de *Orchideas*, se desmancha em elogios à obra, pois vê na obra argumentos suficientes para contestação ao movimento modernista que ele, explicitamente, rejeita.

irmandades de pessoas pretas (N. S. do Rosário dos Pretos), livres, libertas ou escravizadas. Havia ainda algumas irmandades sem restrições sociais.

A questão que se levanta é se essa subjetividade senhorial, escravagista dos oitocentos teria sido superada no início do século XX, poucas décadas depois da abolição da escravatura, com os ex-senhores e seus herdeiros convivendo com os(as) ex-escravizados(as) e seus(suas) descendentes. Nesse tempo, em Vila Boa, alguns corpos negros ainda apresentavam as cicatrizes físicas dos açoites nos troncos. A memória da escravização negra não era apenas lembrança, ainda era visível a olho nu.

Ademais, a imagem do professor Antônio de Jesus, aos olhos da sociedade opositora, era a do “negro ladino”, o negro assimilado aos costumes brasileiros, civilizado, bem educado, ao seu modo, tão embranquecido ao ponto de querer ter os mesmos direitos que os brancos. Nesse momento, o branco lembra-lhe qual é o seu lugar pela sua cor, sua origem e sua história. O ativismo político partidário do professor Antônio, por sua vez, evoca a liderança do ladino, nesse contexto, o negro esperto, nos levantes negros contra os senhores de escravos. São contradições e complexidades que entrelaçam as relações de poder na base do jogo político do coronelismo em Goiás.

Nessa trama complexa, o corpo de Leodegária de Jesus codifica as contradições e complexidades históricas, com um agravante a mais, em relação a seu pai: o gênero, ela era mulher. O pai de Leodegária, José Antônio de Jesus, homem negro, órfão de pai e mãe, criado em seminário, pela caridade cristã dos padres, casou-se com uma mulher branca, filha de médico de posses, entrou para a política e se elegeu deputado por duas vezes. A primeira vez, no final do século XIX, às portas de saída do regime escravagista e entrada a República, conseguiu ser empossado; na segunda, já no século XX, teve sua eleição “depurada” e não foi empossado, ou seja, atingiu o limite do possível e daí em diante caiu em desgraça.

O limite do possível para Leodegária, mulher negra, foi bem mais curto: ela publicou seu livro de poemas, mas não pode se casar com o amor de sua vida, um homem branco da elite; quis estudar no Lyceu de Goiás e não pode, apesar de ser aprovada no exame de admissão com distinção; quis ser advogada, mas sequer entrou para o Lyceu. A raça/cor interseccionada ao gênero encurta e muito o limite do possível.

As obras de Leodegária de Jesus são consideradas românticas e sentimentais. Darcy Denófrio (2019, p. 28) afirma que “a sua obra, como um todo, é de fundo romântico e de forma predominantemente parnasiana”. Temos de considerar, por um lado, que o Romantismo brasileiro foi um período bastante complexo e, por outro lado, que a literatura romântica feminina negra, no Brasil, teve autoria, ou seja, foi um Romantismo feminino negro. Com respeito ao Parnasianismo, temos de considerar que seu princípio básico era a arte pela arte, então, um conteúdo romântico, entende-se sentimentalista, em uma forma parnasiana, talvez, não seja o caso.

Com relação à temática, Denófrio (2019, p. 29) é categórica ao afirmar que “o tema central da obra é o amor” e que a obra “apresenta os mesmos grandes temas românticos, natureza, pátria, família, religião, além daquele do amor impossível, de raiz autobiográfica”.

Corôa de Lyrios, de 1906, tem 30 poemas, dos quais 18 são sonetos, quase todos decassílabos, e 12 estão distribuídos entre quartetos, sextetos e oitavas de versos decassílabos, alexandrinos e redondilhas. **Orchideas**, de 1928, tem 70 poemas, dos quais 52 são sonetos, com a maioria de versos decassílabos e a minoria de versos alexandrinos e redondilhas; e 18 apresentam diferentes formas.

O que os críticos consideram falta de forma deve ser a heterogeneidade das formas dos poemas. Por isso, Denófrio discorda e defende a forma, predominantemente, parnasiana dos poemas, ou seja, é uma maneira de validar as obras. Entretanto, em sua defesa e busca de legitimação das obras de Leodegária de Jesus, Denófrio enquadra seus versos nas formas e nos conteúdos validados pela teoria e pela crítica. Não considera o modo próprio de escrever da autora.

Retomando a temática das obras de Leodegária, a autora fala de natureza, paisagem e da pátria/terra, de forma muito imbricada, sendo, portanto, difícil dissociar esses temas. Nos poemas sobre esses temas, está evidente o anseio da menina-passarinho, igual Janie, de querer voar, ao falar de liberdade, seu corpo quer soltar as asas. Pátria, com exceção de “Ao meu paiz”, em **Orchideas**, mais ufanista que os outros, é o lugar perdido, de onde saiu sem poder escolher ficar, é a expressão máxima do deslocamento, com as andanças e desassossegos.

Os temas família e religião caminham juntos e, em **Orchideas**, a religiosidade, sobretudo em “Semana Santa” (4 sonetos), demonstra o amadurecimento da autora, sua astúcia na forma de

estabelecer aliança com a sociedade e com os veículos de comunicação.

A temática dos sentimentos e vivências, na qual se insere o tema do “amor impossível, de raiz autobiográfica” (DENÓFRIO, 2019, p. 29), nada mais é do que a sua “escrevivência”. Em **Corôa de Lyrios**, a autora fala de seu amor, inicialmente, com alegria e esperança, depois, com decepção e amargura. Em **Orchideas**, os versos em que canta esse amor são ainda de dor, amargura, de resignação e de lamento por seu desígnio, como em “A uma sombra”, “Suprema dor” e outros. Nessa temática, em vários poemas, nos dois livros, a autora lamenta seu isolamento e sua solidão, não somente por seu amor não vivido, como em “Triste viver”, em que ela lamenta por “seu pezar” e por “sua sorte” na vida, demonstrando consciência de seu lugar; em [...] “Prefiro a calma solidão sombria” [...], em “Meu desejo”, a autora fala de seu isolamento social. O isolamento e a solidão da mulher negra, sendo ela ou não arrimo de família, está bastante discutidos na literatura feminista negra.

Por fim, o romantismo dos versos de Leodegária de Jesus ainda está por ser compreendido, porque a leitura da crítica o enquadra em um frame estético hegemônico, que não considera a peculiaridade de seu corpo e de seu lugar. O Romantismo brasileiro feminino negro é sentimental, romântico e, ao mesmo tempo, enfrentador. Assim é também o Romantismo de Leodegária de Jesus, escancarado em seu poema “Ainda e sempre” (DENÓFRIO, 2019, p. 83):

Ainda e sempre

Partiste... desde então, o mal secreto
Que aqui no fundo de minh'alma existe
É mais profundo e amargo, mais completo
E mais intenso, desde que partiste.

A vida é muito triste!... ah! como é triste
A vida aqui, neste ermo em que vegeto!
Nem mesmo sei em que o prazer consiste
Tão longe, assim, de ti, do teu affecto!

E o tempo vae passando... o tempo corre
Mas em meu pobre coração não morre
Esta saudade enorme que me esmaga.

Hontem, hoje, amanhã, agora e ainda

E sempre a mesma dor que não se finda,
Sempre o mesmo punhal na mesma chaga.

O último verso do soneto, “Sempre o mesmo punhal na mesma chaga”, ao mesmo tempo, diferente e semelhante a “Símile”, “Mas si nos fere o espinho da tristeza”, é um verso de cunho político, nos termos de Evaristo, é mais que um enunciado, é um (d)enunciado. Não é um lamento de dor de amor, é uma denúncia de injustiça social, é um clamor político.

A interpretação que a crítica tem feito das obras de Leodegária de Jesus reflete uma concepção de mundo que considera mais quem ela era, com as codificações de seu corpo, do que a leitura dos versos. A vida da autora, o corpo e a alma da criadora, não podem ser consideradas na apreciação de suas obras, porque a análise deve ser neutra. Todavia, está patente o atravessamento da codificação de seu corpo como lente de leitura dos versos. A estética colonial, como fundamento da avaliação da obra, é o recalque da leitura do corpo.

CONCLUSÃO:

A menina-passarinho, sensível e ávida por voar, como Janie, e da mesma forma que Janie, foi consumida por aprisionamentos, dores e decepções. Uma jovem negra, filha de um homem negro, ativista político, xavierista, fez o melhor que pode e foi até o limite do possível em uma sociedade conservadora como a de Vila Boa de Goiás, fez muito e representa muito para Goiás.

Leodegária de Jesus desencarnou a 12 de julho de 1978, iria completar 89 anos de idade em agosto, em Belo Horizonte. Sua andança física final, seu voo livre para o Orum. O que ela nos deixou? “[...] não me custa repetir que ela representa, para nós, antes de tudo, o início de uma tradição literária” (DENÓFRIO, 2019, p. 15).

Com o pai doente, sem condições de trabalhar, Leodegária de Jesus, cumprindo as premonições que tivera na infância (FRANÇA, 1998), trabalhou arduamente, durante o dia, ensinando na escola, à noite, na máquina, costurando, para sustentar a família e custear as despesas com a doença do pai. Leodegária pagou com o sacrifício de uma vida o preço do corpo que recebeu ao nascer. Os direitos negados, os sacrifícios e as exigências sociais impostos a uma mulher negra são diferentes daqueles imputados a uma mulher branca.

Por isso, ousou um pouco mais que a professora Darcy Denófrío e defendo que Leodegária não representa somente o “início de uma tradição literária” em Goiás. Ela representa, além da tradição literária que ela mesma iniciou, o início da literatura feminina, da literatura feminina negra, em Goiás. E mais ainda, a história do feminismo em Goiás deve considerar o protagonismo das mulheres negras¹⁰, incluindo a história dessa professora e poetisa negra.

De maneira específica, este artigo tratou das andanças e desassossegos, devido aos deslocamentos, isto é, às diásporas no contexto do cerrado central do Brasil, aos quais Leodegária de Jesus foi submetida na vida. Os deslocamentos, através de andanças e de desassossegos marcaram a trajetória de vida da poetisa e são expressos nos seus poemas em forma de versos-banzo para além dos “sentimentalismos” românticos que a crítica lhe atribuiu.

Os versos das duas obras de Leodegária de Jesus são considerados, excessivamente, românticos (a temática, o “amor” é o tema central) e sem os limites (as “peias”) da forma. Ao mesmo tempo, os mesmos versos são criticados pela forma parnasiana: sonetos com versos decassílabos, mais à moda parnasiana que classicista. Percebe-se o desejo da crítica de desqualificar as obras da autora e, para tanto, a busca da justificativa racional academicista.

Com base na noção de “escrevivência”, de Conceição Evaristo, e nos fundamentos políticos do Romantismo de Maria Firmina dos Reis, defendo que o que a crítica literária tem entendido como “sentimentalismo”, que situa a obra de Leodegária de Jesus no “Romantismo”, preso em uma forma parnasiana, portanto, em um quadro estético “defasado” para a época, para além da estética colonial, é um tipo de banzo-aesthesis, um sentir-resistir as andanças e desassossegos, forçadas pelos deslocamentos de lugares e da vida.

O que significa o deslocamento para uma pessoa negra? Que memória é ativada quando uma pessoa negra é deslocada? Desde que foi sequestrado na África e traficado para a América, o povo negro teve tudo sequestrado e passou a ser concebido como um povo sem terra, sem memória e sem lar (MBEMBE, 2014): sem raízes. Um povo que, ao olhar do “outro”, o que toma as decisões, “não precisa ficar”, porque não “tem apego”, não sente falta nem saudade; um povo para quem é natural e até necessário diaspórizar. Não tendo raízes, não sofre. Esse “outro” não entende o que é banzo. É a percepção do outro em sua não humanidade construída na diáspora forçada pelo mesmo “outro” que o assim representa e concebe.

A diáspora é o deslocamento do corpo no espaço e no tempo, deixando pedaços de alma esparramados, um pedacinho em cada canto de estrada, um pedacinho em cada canto de tempo. Cada pedacinho de alma que fica é uma falta dolorida que não se perde, que não se esquece. São dores de saudade: é banzo. Em sua humanidade negada pelo colonialismo e pela colonialidade, o povo negro cansa, sofre e cansa de sofrer: luta e, na luta, aprende a resistir para existir.

Para os(as) descendentes dos(as) africanos(as) sequestrados(as) e traficados(as), durante séculos de escravização, diáspora e banzo são indissociáveis. No Brasil pós-abolição, já virado o século XX, a vida das pessoas negras é uma vida de deslocamentos: andanças, desassossegos e banzo. O deslocamento dá margem ao ostracismo, ao apagamento, ao memoricídio. Se o sujeito do incômodo deixa de existir e se sua imagem é esquecida, apagada, o incômodo desaparece, como se nunca tivesse existido. É assim a denegação. O deslocamento da/na vida também é necessário e importante para o opressor, por mais que seja dolorido para o oprimido.

Foi assim, nesse meio tempo, indo pra lá e pra cá, sem nunca voltar, que Leodegária de Jesus, afrodescendente, viveu para a família, consumindo no trabalho as dores que acumulou nesse desassossego, com os pés cansados de ir e vir, costurando chitas e sedas, palavras e versos, arrastando seus dias. Não se queixava, jamais murmurou. Entre cadernos, lápis e giz, linhas, fios e tecidos, foi tecendo roupas, entre palavras e poesias, poetizando a saudade, reconfigurando o banzo poetizado em versos não compreendidos.

REFERÊNCIAS:

DE JESUS, Leodegária. **Orchidea**. Goiânia-GO: Ateliê Tipográfico do Cegraf/UFG, de 2014.

DENÓFRIO, Darcy França. **Lavra dos Goiazes III** – Leodegária de Jesus. Goiânia: Cãnone Editorial, 2019.

DOS REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2018.

EVARISTO, Conceição. Escre(vi)(vendo)me: ligeiras linhas de uma auto-apresentação. In: **Mulheres no Mundo** – Etnia, Marginalidade e Diáspora. Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.

FANON, F. (Trad. Renato da Silveira). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador-BA: EDUFBA, [1952] 2008.

FRANÇA, B. T. **Velhas escolas**. Goiânia-GO.: Editora UFG, 1998.

GÓMEZ, P. P.; MIGNOLO, W. D. **Estéticas decoloniales**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

GONZALÉZ, L. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Raça e Classe**, ano 2, nº 5, nov./dez.1988, p. 2.

KILOMBA, Grada. (Trad. Jess Oliveira). **Memórias da plantação** – episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

ICAZA, Rosalba. Decolonial Feminism and Global Politics: Border Thinking and Vulnerability as a Knowing Otherwise. In: WOONS, Marc; WEIER, Sebastian. (Edts). **Critical epistemology of global politics**. Bristol-England: E-International Relations Publishing, 2017, pp. 26-45.

LOIOLA, Maria Lemke. **Trajetórias para a liberdade**: escravos e libertos na capitania de Goiás. Goiânia: CEGRAF-Expressões Acadêmicas, 2009.

MBEMBE, Achille. (Trad. Narrativa Traçada). **Sair da grande noite** – ensaio sobre a África descolonizada. Luanda-Angola: Edições Mulemba, 2014.

MBEMBE, Achille. (Trad. Renata Santini). **Necropolítica** – biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N 1 Edições, 2018.

MIES, Maria. **Patriarcado y acumulación a escala mundial**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

MILANI, Sebastião Elias et. al. **Alinggo - Atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

PALACÍN, Luís. **O Século do Ouro em Goiás**. Goiânia-GO: UCG, 1994.

REZENDE, Tânia Ferreira. A semiótica dos corpos na literatura goiana: o corpo negro de Leodegária de Jesus. **Revista Plurais** – UEG, v. 8, n. 1, Dossiê Diálogos intersemióticos: ensino, leitura de mundos e cartografias poéticas da cibercultura, (2018) 2019, pp. 131-159.